

ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO DE PLÍNIO SALGADO INSERIDO NA OBRA “SÃO JUDAS TADEU E SÃO SIMÃO CANANITA”

THE ANALYSIS OF PLÍNIO SALGADO'S RELIGIOUS DISCOURSE WITHIN “SÃO JUDAS TADEU E SÃO SIMÃO CANANITA”

Felipe Salvador Weissheimer¹
Fausto Alencar Irschlinger²

WEISSHEIMER, F. S.; IRSCHLINGER, F. A. Análise do discurso religioso de Plínio Salgado inserido na obra “São Judas Tadeu e São Simão Cananita”. **Akrópolis**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 5-14, jan./mar. 2010.

RESUMO: Buscamos identificar e analisar o discurso religioso do integralista Plínio Salgado, inserido em seu romance “São Judas Tadeu e São Simão Cananita”. Deste modo, tecemos relações e abordagens dos intelectuais e da política no Brasil dos anos 1920-1950. Apoiados nas novas perspectivas historiográficas, foi possível ampliar a percepção da fonte literária – através de abordagens diversas – e entendê-la inserida num contexto histórico, revelando ser parte do discurso integralista a articulação ou “comoção” de massas.

PALAVRAS-CHAVE: História do Brasil; História e literatura; Intelectuais; Plínio Salgado; Integralismo.

¹Acadêmico do Curso de História da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. Participante do PIC - Programa de Iniciação Científica. Email: felipe.s.w@hotmail.com

²Professor mestre e pesquisador do Curso de História da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. Email: fausto@unipar.br

ABSTRACT: The purpose of this study was to identify and analyze Plínio Salgado's fascist religious discourse within the novel *São Judas Tadeu e São Simão Cananita*. Therefore, we present the relations and approaches of both the scholars and Brazilian politics in the 1920s – 1950s. Based on the newest historiographic perspectives, it was possible to broaden the literary perception – through a number of approaches – and understand it within an historical context thus revealing itself as part of a fascist discourse towards the articulation, or “commotion”, of the masses.

KEYWORDS: Brazilian history; History and literature; Scholars; Plínio Salgado; Fascism.

Recebido em dezembro/2009
Aceito em fevereiro/2010

INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de pesquisas desenvolvidas pelo projeto que aborda os intelectuais e a política do Brasil: a geração dos anos 1920-1940, no qual infatiza-se o intelectual Plínio Salgado. Embora este intelectual tenha escrito um número expressivo de obras, foi escolhido seu romance intitulado “São Judas Tadeu e São Simão Cananita”, que, além de outros aspectos, trás consigo uma forte ideologia cristã, embasada no catolicismo romano.

A utilização dessa obra literária, na presente pesquisa engendra a necessidade de pensar sobre o texto numa perspectiva semiótica³. O objetivo desta pesquisa se concentrou em analisar aspectos sobre as “estruturas mentais” (BURKE, 1991: 62) inseridas no discurso de Plínio Salgado, que, por meio dos personagens envolvidos no enredo, transmitiu sua ideologia. Estas “estruturas mentais” ou mentalidade são consideradas uma estrutura de longa duração. Além disso, “ao contrário dos fatos, que acontecem muito rapidamente, a mentalidade permanece durante muito tempo sem modificações, e suas mudanças são tão lentas a ponto de nem serem percebidas” (SILVA, 2005: 279). Com isso, observam-se no discurso de Plínio Salgado algumas “heranças históricas” cristãs, provenientes de contextos históricos remotos, que serão abordados neste artigo e estão diretamente ligadas às representações⁴ oriundas da inquisição. Busca-se analisar que o discurso⁵ de Plínio Salgado também se estendeu à “psicologia analítica” de Carl Gustav Jung, que muito nos auxiliou com seus conceitos de “inconsciente pessoal e coletivo”. Além disso, o presente estudo se apoiará nas novas perspectivas historiográficas, buscando em vários autores, conceitos que foram de suma importância na pesquisa.

Vale destacar, que pesquisar sobre o intelectual Plínio Salgado é de suma importância para entendermos o movimento integralista e, conseqüentemente a história do Brasil. Nesse aspecto, com a aproximação da História à Lite-

ratura, as obras literárias de Plínio Salgado se tornaram vastos campos de investigação, o que poderá enriquecer ainda mais a historiografia brasileira.

O BRASIL “MODERNISTA”

O Brasil até o início do século XIX, esteve muito aquém de um pleno desenvolvimento em vários aspectos: seja no desenvolvimento econômico e industrial, no fortalecimento de suas instituições representadas pelo Estado, ou até mesmo cultural e politicamente. Ou seja, não existia uma imagem definida do Estado brasileiro. Existiam, neste contexto, os “regionalismos”, mas não uma unidade nacional. Existiam “civilizações” no Brasil, e não uma “civilização brasileira”. Conforme Mário de Andrade expressou:

Enquanto o brasileiro não se abrigar é um selvagem. Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós em nossas casas de Belo Horizonte e São Paulo. Por uma simples razão: não há uma Civilização. Há civilizações [...] Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou a alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. (ANDRADE in PÉCAUT, 1990: 27).

Além disso, a sociedade brasileira carecendo de uma cultura política, parecia pelas opiniões ideológicas, que estavam atrelada à preservação das posições das elites dirigentes (política do café com leite). Entretanto, no início do século XX, os intelectuais, representando a classe burguesa que tinha acesso à educação (diplomados em várias áreas como advogados, jornalistas, professores) buscavam seu “lugar ao sol” no aparelho estatal e na representação política do Brasil.

Essa burguesia em ascensão teve significativa importância na recuperação da “nacionalidade” brasileira, pois, fez da literatura um instrumento de transformação política e social. Estes agentes políticos tornaram-se “porta-vo-

³A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (BARROS, 2005: 11).

⁴Conforme explicações de Sandra Jatahy Pesavento, as representações “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.” (PESAVENTO, 2005: 39).

⁵Segundo Eni Orlandi, uma das principais estudiosas da Análise do Discurso no Brasil, “o discurso é a prática da linguagem, isto é, uma narrativa construída a partir de condições históricas e sociais específicas. Para ela, todo discurso materializa determinada ideologia na fala a partir de um idioma específico. Deste modo, todo discurso possui uma ideologia, e é a língua que permite aos indivíduos compreenderem e assimilarem tal ideologia.” (SILVA, 2005: 101).

zes” da nação, co-responsáveis na formação de uma “consciência nacional” e consequentemente pela “organização nacional”. Havia tendências e opiniões diversas em meio aos intelectuais brasileiros, porém, faziam parte da “mesma” categoria social. Plínio Barreto já destacava a necessidade de “civilizar por cima, civilizar os que estão em estado de compreender” (PÉCAUT, 1990: 29). A exaltação do “nacional” foi uma forma desta elite tornar-se autônoma das “ideias importadas”. Além disso, “o imperativo nacional teve ainda outra função: permitiu enunciar critérios de participação legítima desta elite. Não mereciam plenamente o título de intelectuais senão os que aceitassem esse imperativo” (PÉCAUT, 1990: 41).

Na busca por uma identidade nacional⁶, muitos intelectuais identificaram na imagem do Tupi as “características essências” do povo brasileiro. A corrente *verde-amarela*, movimento de direita do Modernismo, em seu manifesto, fez grande ênfase à imagem do Tupi, atribuindo a ele “a prodigiosa força e bondade do brasileiro e o seu sentimento de humanidade”, além da “bondade, a generosidade, a capacidade para o trabalho, o espírito de fraternidade”. (PÉCAUT, 1990: 37).

Já segundo o psiquiatra Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, o americano escolhe o índio – neste caso o Tupi – como símbolo ideal do herói. E neste sentido, “o herói é sempre a encarnação de um desejo muito forte ou de uma aspiração que se gostaria de realizar o quanto antes”. (JUNG: 1954: 50). Essa análise de Jung encaixa-se perfeitamente à imagem do Tupi segundo a corrente *verde-amarela*, pois, o índio na psicologia analítica corresponde a um arquétipo universal, além de estar presente na cultura do “novo mundo”. Desta forma, pode-se considerar, que boa parte desses intelectuais brasileiros desejavam uma “mudança estrutural” (cultural, política, social, ideológica) imediata com o movimento de “nacionalização do Brasil”.

Porém, na análise das obras de Plínio Salgado, integrante do movimento *verde-amarelo*, nota-se a utilização ideológica não apenas da cultura indígena (Tupi), mas da cultura essencialmente católica, como destaca Salgado:

O Estado Integral é tudo quanto ouvistes da leitura do “Manifesto de Outubro” e do “Manifesto-Programa”. É tudo quanto vos acabo de expor e de explicar. Mas, para mim, no mais íntimo refolho do meu coração, e no recôndio mais misterioso da minha alma, o Estado Integral transcende das formas políticas e do próprio pensamento filosófico. Porque o Estado Integral, essencialmente, é para mim o Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo. (SALGADO, 1954: XXIV).

Ou seja, a imagem do Tupi foi um arquétipo⁷ projetado pelo inconsciente dos intelectuais modernistas brasileiros, pois, conforme nota-se no fragmento acima (escrito pelo integralista Plínio Salgado), é o cristianismo a fonte de muitos dos conceitos ideológicos inseridos no discurso integralista. Antes do destaque e análise específica da obra “São Judas Tadeu e São Simão Cananita” de Plínio Salgado, na qual observada, além de outros aspectos, a predominância da cultura católica cristã, vale ressaltar alguns aspectos sobre a AIB (Ação Integralista Brasileira), que teve em Plínio Salgado seu maior idealizador.

“O INTEGRALISMO ESPIRITUAL”

A Ação Integralista Brasileira foi um movimento considerado para a maioria dos historiadores de extrema-direita de grande expressão nos anos 1920-1940. De caráter nacionalista, “tinha seus inimigos representados no liberalismo, socialismo, capitalismo internacional e nas sociedades secretas (judaísmo e maçonaria).” (IRSCHLINGER in DIEHL, 2004: 38). Além dis-

⁶Sandra Jatahy Pesavento destaca que “as identidades são, pelo seu lado, um outro campo de pesquisa para a História Cultural. Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento.” (PESAVENTO, 2005: 89).

⁷Como destaca Jung na *Estrutura da psique*, o mesmo tentou dar uma visão geral da estrutura do inconsciente. Seus conteúdos – os *arquétipos* – são de certa forma os fundamentos da psique consciente ocultos na profundidade ou, usando outra comparação, suas raízes afundadas não só na terra, em sentido estrito, mas no mundo geral. Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade, são o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte e, por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. Propriamente falando, são a parte *ctônica* da psique – se assim podemos falar – aquela parte através da qual a psique está vinculada a natureza, ou pelo menos em que seus vínculos com a terra e o mundo aparecem claramente. É nestes arquétipos ou imagens primordiais que a influência da terra e de suas leis sobre a psique se manifestam com maior nitidez. (JUNG, 2007: 35).

so, esteve diretamente ligada ao espiritualismo cristão, pois “acredita que a eliminação das mazelas da sociedade brasileira ocorrerá pela ação espiritual e por meio de uma consciência nacional” (GONÇALVES, acessado em 04/08/2009: 92). Esse discurso de cunho espiritual “será inclusive a especificidade do Integralismo enquanto discurso fascista”⁸ (GONÇALVES, acessado em 04/08/2009: 92). Porém, segundo Plínio Salgado, os *camisas-verdes* – título atribuído aos integralistas, em função de seus uniformes – se distinguiram dos fascistas europeus: “A fim de mostrar a autonomia do integralismo em relação aos fascismos europeus, os camisas-verdes apontavam a ‘maior dose de espiritualidade’ ou o ‘primado do espírito’, contido em sua doutrina.” (SALGADO in GONÇALVES, acessado em 04/08/2009: 92).

Renata Duarte destaca sobre o aspecto temporal do discurso religioso do integralismo, que:

Na fase que vai de 1937 a 1945, com a presença do Estado Novo, o integralismo apresenta-se já despojado de sua ação política efetiva. A tônica política da produção teórica de Plínio dá lugar à perspectiva católica, que, na realidade, jamais deixará de estar presente em seu pensamento, ainda que subordinada ao seu entendimento peculiar do catolicismo. O doutrinador político cede, em parte, seu lugar ao doutrinador cristão. (DUARTE, acessado em 15/11/2009: 12).

Embora o Integralismo seja considerado um “organismo preparatório, elaborador da grande pátria cristã [que] visa à reestruturação da sociedade brasileira sobre o alicerce dos princípios imortais do Cristianismo” (CORBISIER in DUARTE, acessado em 15/11/2009: 1), sofreu várias críticas por parte dos intelectuais católicos da época, dentre eles Figueiredo e Lima, em função da “fidelidade incondicional [dos integralistas] ao Chefe Nacional⁹ [Plínio Salgado]” (DUARTE, acessado em 15/11/2009: 4). Esta crítica se justifica para Figueiredo e Lima, pois,

segundo ele, “só a Deus podemos jurar fidelidade sem condições” (LIMA in DUARTE, acessado em 15/11/2009: 4).

Em análise da obra “São Judas Tadeu e São Simão Cananita” é notória a presença do caráter tradicionalista-católico-cristão. Neste romance, Plínio Salgado busca recriar de forma “cinematográfica”¹⁰ (LEITE in SALGADO, 1982: s/n) a pregação dos dois apóstolos nos montes iranianos e na antiga Babilônia. Além disso, demonstra claramente que as fontes históricas utilizadas de base para escrever sua obra são incertas, enfatizando:

Nossa preocupação, baseando-nos nas lendas e tomando como fundamento o que de positivo se encontra nos Evangelhos e nos Atos, foi compor um enredo, o qual, atraindo as atenções, servisse para maior propagação da vida de São Judas Tadeu e de seu irmão e não menos heróico dilatador do Reino de Cristo, São Simão Cananita. (SALGADO, 1954: 87).

Contudo, Leandro Pereira Gonçalves ao analisar as obras de Plínio Salgado, percebe que este “romancista e político deixa muito claro o seu desejo ideológico: a defesa de uma política nacionalista baseada no conservadorismo”, – inclusive presente no lema integralista: ‘Deus, Pátria, Família’ – “e organizada dentro de um contexto tradicionalista”. Vemos que este “desejo ideológico” de Plínio está presente na obra “São Judas Tadeu e São Simão Cananita” que “serve de propagação” da vida dos dois apóstolos, porém se apresenta de forma subjetiva em relação às conclusões de Leandro Pereira Gonçalves.

Esta subjetividade que emerge na obra “São Judas Tadeu e São Simão Cananita”, possibilita o resgate das emoções, sentimentos, ideias, temores e desejos, e servem à “análise das sensibilidades” (PESAVENTO, 2005: 58) de Plínio Salgado. Em relação à “análise das sensibilidades”, Sandra Jatahy Pesavento destaca:

⁸Dá-se o nome de fascismo, ou nazi-fascismo, ao fenômeno histórico específico ocorrido no mundo europeu entre 1922 e 1945, o chamado período entre-guerras, caracterizado pela ascensão de regimes políticos totalitários que se opuseram, ao mesmo tempo, às democracias liberais e ao regime comunista soviético (também este de caráter totalitário) e cuja repercussão atingiu numerosas Nações que adotaram regimes semelhantes.” (SILVA, 2005: 141).

⁹Fausto Alencar Irschlinger destaca sobre a organização e a estrutura do movimento integralista: “é quase unanimidade entre os historiadores que trabalham com o tema e os que o relacionam em seus trabalhos que o integralismo apresenta uma organização burocrática e totalitária, caracterizando-se por uma milícia hierárquica e centralizada no grande chefe nacional.” (IRSCHLINGER, 2004: 38).

¹⁰Citação de Alfredo Leite no livro de Plínio Salgado “São Judas Tadeu e São Simão Cananita”, Rio de Janeiro: Editora Voz do Oeste, 1954.

Toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. (PESAVENTO, 2005: 58).

Vale destacar que a análise do pensamento/discurso de Plínio Salgado inserido na obra dar-se-á de forma peculiar, pois haverá uma descaracterização dos elementos do “enredo” criado por Plínio Salgado, para aí existir um entendimento do pensamento do mesmo. Ou seja, não será analisada a imagem dos apóstolos por seu caráter “santo”, mas a imagem criada a partir das características atribuídas pelo autor. Assim, a análise dos elementos do “enredo” terá relação com a subjetividade do discurso religioso inserido no romance, e consequentemente ligado ao “inconsciente”¹¹ de Plínio Salgado. Utilizando-se do “método indiciário”¹² (observação dos detalhes aparentemente sem importância), também se observam algumas “heranças” da Inquisição, que estão arraigadas ao “inconsciente”¹³ de Plínio Salgado. Além disso, há “semelhanças culturais” nas religiões abordadas no romance e também “recriações históricas” que envolvem essas religiões, o que evoca uma dúvida: será que Plínio Salgado estava consciente dos fatos históricos que envolvem estas religiões? Ou os fatos e a obra são meras coincidências? É válido lembrar que Plínio Salgado, além de escritor foi um grande político articulador das massas.

Em seguida, serão apresentados algumas análises pontuais, elaboradas com base no romance de Plínio Salgado.

Análise do Romance (I): As Origens do Cristianismo

Eis o contexto da obra: os apóstolos Judas Tadeu e Simão Cananita seguindo o pedido de Jesus, partem para os montes iranianos para curar a lepra do Rei Abgar:

Esse era o palco misterioso oferecido ao Apostolado de Judas Tadeu. Ali, as raças e as religiões, os deuses do paganismo e as fraternidades místicas, as doutrinas filosóficas e as seitas secretas, as ciências ocultas e os ritos abstrusos se intercomunicaram, e mesclaram, apresentando o espetáculo desordenado de erros e verdades, de barbaridade e civilização (SALGADO, 1954: 122).

Plínio Salgado, ao tentar “entender” a “maneira de pensar” de São Judas Tadeu, destaca esta “maneira de pensar” em relação às religiões presentes nos montes iranianos:

É provável tivesse impressionado o Apóstolo a figura de Mitra, o mediador entre Deus e os Homens; Não tinha qualquer coisa do Cristo, Deus-Homem e Homem-Deus, participante da natureza humana e da essência divina? E Atar, o Fogo, adorado pelos mazdeístas, não tinha qualquer coisa do Espírito Santo, que descera sobre os Discípulos, em forma de línguas de Fogo? E o culto de Anahita, divindade feminina não dizia algo dAquele concebida sem pecado e entre as mulheres eleita para ser a Mãe do Redentor? Talvez esses pensamentos despertassem em Judas Tadeu o desejo ardente de ultrapassar os Montes Iranianos. (SALGADO, 1954: 125-126).

Torna-se importante fazer um rápido retrospecto das origens do cristianismo, para a descaracterização dos elementos do romance. Sabe-se que o cristianismo tornou-se uma religião aceita no Império Romano (que tinha grande parte da Europa e do Oriente Médio estavam

¹¹O “inconsciente pessoal” é definido na teoria de Carl Gustav Jung: “As experiências vividas, mesmo que fiquem esquecidas, deixa vestígios na psique através dos quais se podem reconhecer a experiência anterior. Este longo lastro de influências indiretas deve-se a fixação das impressões que são conservadas mesmo quando não mais conseguem chegar ao consciente. Além dos fatos esquecidos, existem também percepções subliminares, quer sejam simples percepções sensoriais que ocorrem sob o limiar da estimulação auditiva ou no campo visual externo, ou apercepções, isto é, percepções assimiladas abstratamente de processos internos e externos.” (JUNG, 1954: 14).

¹²Como destaca Pesavento, Carlo Ginzburg, em seu ensaio já clássico, nos fala de um paradigma indiciário, método este extremamente difundido na comunidade acadêmica. Nele, o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. (PESAVENTO, 2005: 63).

¹³Em referência ao “inconsciente supra-pessoal” ou “inconsciente coletivo” (JUNG, 1954: 15). Sumariamente, o “inconsciente coletivo” (constituído pelos materiais herdados pela humanidade) está presente no “inconsciente-pessoal” de Plínio Salgado (e vice-versa). No livro de Jacques Le Goff “A História Nova”, Editora Martins Fontes, 4ª ed., pág. 174, há um tópico sobre o “inconsciente coletivo”.

sob sua égide) a partir do século III, quando o Imperador Constantino I oficializou o “advento” do cristianismo. Entretanto, existem muitos pontos em comum entre o cristianismo e outras religiões da Antiguidade, fruto do sincretismo religioso que lhe garantiu a perenidade, a difusão e possibilitou que os vários povos que estavam sob a égide do Império Romano se convertessem a fé cristã¹⁴.

Observam-se estes “pontos em comum” ou semelhanças também em relação ao mitraísmo (religião utilizada como fonte nesta pesquisa, por ser uma das religiões citadas por Plínio Salgado), conforme William Almeida de Carvalho escreve:

Os pontos comuns entre o cristianismo e o mitraísmo são inúmeros. O nascimento de Cristo é anunciado por uma estrela assim como o de Mitridate Eupator. Ambos são nascidos de uma Virgem Imaculada que toma o nome de Mãe de Deus. A caverna, a gruta são os locais de nascimentos tanto de Cristo quanto de Mitra. A presença de pastores e de seu rebanho também estão presentes em ambos os nascimentos. A gruta de Belém é prenhe de luz e Mitra é um deus solar. Além do mais, o ouro, símbolo do Sol, tem uma importância crucial na liturgia cristã. Deus é Amor mas também Luz. O nascimento dos dois deuses foi a 25 de dezembro, solstício de Verão no Hemisfério Norte. Sabe-se que Cristo não teria nascido no dia 25 e que, somente com o fim do mitraísmo, a Igreja Cristã, “cristianizou” o dia como a festa do Natal. Tanto Cristo como Mitra eram castos e celibatários. Todas as duas religiões são fundadas sobre um sacrifício salvador do Mundo, mas com a morte de Cristo, o cristianismo tira a sua vantagem e sua superioridade. A morte do Touro encontra um símile na luta de São Jorge com o dragão. A vontade de neutralizar as potências do mal, a guerra entre as duas potências e a vitória do Bem. A consagração do pão e do vinho estão presentes entre os cristãos e os iniciados de Mitra. No grau de Soldado (Miles), o iniciado é marcado com uma cruz de ferro em brasa sobre a fronte. A imortalidade da alma e a ressurreição fi-

nal. As igrejas antigas possuem criptas subterrâneas que evocam os templos mitraicos. A fraternidade e o espírito democrático das primeiras comunidades cristãs se assemelham muito ao mitraísmo. A fonte jorrando da rocha, a utilização de sinos, os livros e as velas, a água santa e a comunhão, a santificação do Domingo (fora da tradição judaica do Sábado), a insistência numa conduta moral, o sacrifício ritual, a angeologia, a teologia da luz, dualidade deus-diabo, o fim do mundo e o apocalipse são também comuns em ambas as religiões. (CARVALHO, acessado em 04/08/2009: s/n).

Quando Plínio Salgado tenta “entender” a mentalidade de São Judas Tadeu, evoca historicamente as semelhanças acima, mas tangencia em forma de dúvida o sincretismo existente entre o mitraísmo e o cristianismo. Presume-se que Plínio Salgado conhecia bem este sincretismo e tenta por meio de seu romance censurar os pontos em comum entre as duas religiões, pois faz algumas considerações que buscam distinguir o cristianismo das demais religiões¹⁵, conforme fragmento abaixo:

Se os Mazdeístas, concebendo o espírito das Trevas como um deus, deixavam a linha pura do monoteísmo, para aceitar uma concepção dualista que era a base de sua teologia; e se, adorando Atar, Mitra e Anahita, aproximavam-se de um politeísmo, não lhes faltando mesmo as configurações dos deuses secundários, à maneira da mitologia greco-romana, também não se podia negar que o pensamento da religião dos Magos desenvolvia-se no sentido final de um só Deus, porquanto ensinava o Zend-Avesta, seu livro sagrado, que no fim dos tempos Oramazdes, o deus do Bem, venceria e destruiria Arimã, o deus do Mal. (SALGADO, 1954: 126).

Posteriormente Plínio Salgado enfoca novamente a “impressionante aproximação de crenças e conceitos morais” entre o cristianismo e as demais religiões citadas, finalizando: “Seria doloroso deixar estes povos, com tão boas disposições, imersos na ignorância a míngua das

¹⁴Para mais informações sobre as origens do cristianismo, ler a obra “História do Cristianismo” de Paul Johnson, Rio de Janeiro: Editora Imago, 2001. Alguns aspectos do sincretismo religioso podem ser vistos em “Os mistérios de Mitra” de Franz Cumont, São Paulo: Editora Madras, 2004.

¹⁵Kalina Vanderlei Silva tece algumas considerações sobre a análise do discurso que, no nosso caso, se aplicam às intenções de Plínio Salgado: “poderíamos dizer que os sentidos buscados nos discursos – na ‘narrativa’ sobre os apóstolos – têm a ver não somente com o que foi dito, mas também com o que não foi dito e com o que poderia ser dito. Deve-se então perguntar por que essa forma de apresentar a mensagem e não outra. Perguntas que nos levam a pensar para além do conteúdo.” (SILVA, 2005: 104).

revelações do Evangelho” (SALGADO, 1954: 128). Neste fragmento é perceptível a “generosidade” presente no discurso de Plínio Salgado, provinda da imagem popular e inspirada no “mito do Messias sofredor e passivo”, um Cristo cheio de princípios espirituais, criado a partir dos primeiros séculos do cristianismo. Porém, esta “imagem” criada de Cristo e consequentemente incorporada por seus seguidores contrasta com a imagem do “Cristo-poder” oriunda da incorporação do “patriarcalismo” romano.

Este “Cristo-poder” (romano) é análogo à imagem do “Chefe Nacional” (Plínio Salgado), pois transmite o sentimento de “Onipotência”. Entretanto, a “generosidade” (inspirada no “mito do Messias sofredor e passivo”) citada anteriormente, aproxima o autor aos “corações benevolentes” cristãos.

Análise do Romance (II): O Inconsciente Pessoal

Estas observações são importantes, pois demonstram o contraste existente no romance, principalmente quando Plínio Salgado tenta recriar uma “história de época” a partir de influências posteriores. Isso é demonstrado no contexto da obra: os apóstolos (já presentes naquelas terras), pela “Graça do Nosso Senhor Jesus Cristo” surpreendem e convencem várias classes de homens (diga-se de passagem, não há mulheres no enredo). Além disso, suas presenças “trazem a paz” e “neutralizam as influências mágicas”. Entretanto, o aspecto “romano” (Cristo-poder) se expressa na subjugação dos magos, conforme o fragmento que segue:

Lançarei sobre vós, ó magos de Babilônia estas serpentes. Mas em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo ordeno que não vos mate. No entanto, em nome do mesmo Senhor, determino que vos causem horríveis dores, a fim de que conheçais o poder d'Aquê que veio ao mundo para a redenção dos homens. (SALGADO, 1954: 165).

Isso demonstra um certo “instinto animalesco”¹⁶ presente no “inconsciente” de Plínio Salgado, que, inclusive, está presente no “in-

consciente coletivo” de alguns cristãos. Através da censura do simbolismo que aproxima as “religiões-irmãs” (Carl G. Jung: 1954: 25) – mitraísmo e cristianismo – o “inconsciente” de Plínio Salgado (cristão) se projeta sobre as demais religiões (mitraica). Além disso, faz do “sofrimento” dos magos um estranho sentimento de “equiparação histórica”, pois este “sofrimento” também está presente na história de Cristo.

Análise do Romance (III): A Imposição

O “Cristo-poder” presente nas ações dos dois apóstolos está diretamente ligado a imposição do cristianismo ao longo da história. Tal fato, pode ser observado logo após a conversão do Imperador Constantino I:

Os sucessores de Constantino foram declaradamente hostis. Uma perseguição aberta tomou o lugar de uma intolerância latente. Os cristãos não mais restringiam seus ataques a ridicularizar as lendas e práticas dos mistérios mazdeístas nem a denegri-los por ter como fundadores os irreconciliáveis inimigos de Roma – eles exigiam a destruição total da idolatria e suas exortações foram prontamente levadas a efeito. Quando um especialista em retórica nos diz que sob o governo de Constantino ninguém mais ousava olhar para o sol nascente ou poente, que até mesmo os fazendeiros e marinheiros evitavam olhar para as estrelas e, tremendo, mantinham os olhos fixos no chão, vemos nessas declarações enfáticas um eco magnificado dos temores que enchiam todos os corações pagãos. (CUMONT, 2004: 134).

Há outra semelhança no romance de Plínio Salgado que aproxima seu discurso ao fato histórico: a construção da Basílica de São Pedro. No final do romance, os apóstolos “exorcizam” as estátuas dos ídolos, são “linchados” pelos sacerdotes mazdeístas e estão presentes em um templo mazdeísta quando o mesmo é destruído. Segue os fragmentos do texto que demonstram isto:

A fim de que saibas que estas estátuas representam falsos deuses e que elas estão cheias

¹⁶Segundo Carl Gustav Jung “o cristianismo histórico não tem relação com o animal. [...] Nenhuma outra religião está tão manchada de sangue inocente, cruelmente derramado, quanto a Igreja cristã, e nunca o mundo viu guerra mais sangrenta do que a guerra das nações cristãs. Por isso, o animalesco “reprimido” cristão – repressão: “desejo incompatível que se torna inconsciente” (JUNG, 1954: 11) – quando aflora espontaneamente à superfície, assume formas perigosas e leva à autodestruição, ao suicídio das nações, quando irrompe com violência”. (JUNG, 1954: 26).

de espíritos malignos, vamos ordenar-lhes que saiam dos corpos inanimados dos ídolos e que despedacem a todos êsses deuses de pedra. [...] Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, nós vos ordenamos que vos retireis dessas estátuas, destruindo-as, porque a vinda ao mundo de Jesus, o Cristo, e a sua morte e ressurreição, trouxeram a vida verdadeira aos homens fazendo desaparecer tudo aquilo que os povos tinham por deuses! [...] Os dois apóstolos foram agarrados e derrubados ao chão. Dedos crispados de ira constringiam-lhes os pescoços, enterrando-lhes as unhas nas carnes. Em poucos minutos os corpos inanimados dos mártires eram pisados e arrastados para fora do templo. No largo pátio, o povilêu avançou em fúria, arrebatando os cadáveres das mãos dos sacerdotes de Bal-Marduk. E foi neste instante que se ouviu um estrondo subterrâneo. O céu enegrecceu-se. Por toda Suemir caíram trevas. E quando os relâmpagos em lampejos sucessivos começaram a iluminar de um azul sinistro o templo, a praça, os perfis dos edifícios, um estouro mais terrífico abalou os alicerces da majestosa mansão dos deuses. Partiram-se as grandes colunas, tombaram os capitéis e, num fragor pavoroso desabou o teto do templo. Largas fendas se abriram e, numa delas desapareceram o Enu, o Grande Mahu e o Urigalu imponente, revestidos com seus paramentos e suas tiaras assírias. (SALGADO, 1954: 122-124).

Embora a Basílica de São Pedro não esteja localizada na mesma região onde sucedeu todos os acontecimentos mencionados no fragmento acima, é importante saber que, conforme a afirmação de William Almeida de Carvalho, a mesma “foi construída sobre o local do último templo mitraico: o Phygianum”. E, conclui:

A partir daí, o cristianismo construiu, boa parte de seus templos, acima de cavernas que continham Mithrae, seja em Roma seja nas províncias do Império. A catedral de Canterbury e a de São Paulo em Londres, o mosteiro do Monte Saint-Michel e algumas catedrais em Paris estão construídas sobre antigos Mithrae em ruínas. (CARVALHO, acessado em 04/08/2009: s/n).

Em suma, toda a encenação dos após-

tolos no templo Mazdeísta, é congruente com a imposição e apropriação dos templos mitraicos pelo cristianismo. Além disso, o “exorcismo” exercido pelos apóstolos, quando os mesmos ordenam que os “espíritos malignos” se retirem das estátuas, não é uma prática contemporânea a vida dos apóstolos, mas sim uma prática medieval. E, naquele tempo não eram associadas feitiçaria à demonolatria, conforme se apresenta no romance de Plínio Salgado, pois isto “é uma elaboração intelectual posterior, feita pela Igreja”. (Luiz Roberto Lopes, 1993: 47), o que caracteriza um erro de cunho histórico na elaboração do romance.

Este medievalismo, essas “heranças” da inquisição se manifestam no romance de Plínio Salgado em vários momentos. Seu discurso e “ética espiritual” se aproximam da inquisição europeia, no qual o “crime de bruxaria” integrou o código penal e, conforme ocorreu em determinados períodos em Portugal (e na Espanha), os tribunais da inquisição estavam sob o domínio do rei. (Luiz Roberto Lopes, 1993: 55 e 127).

Análise do Romance (IV): O Esoterismo Cristão

Tanto no romance, quanto historicamente está presente a destruição de uma “velha cultura” e o “nascimento” (ou a imposição) de uma nova cultura: “O choque produzido pelo mártir sobre as multidões é golpe da Graça Divina, siderando nelas o Homem Velho e fazendo brotar o Homem Novo, como a explosão das flores, depois dos suplícios do inverno, no esplendor da primavera”. (SALGADO, 1954: 212).

Este fragmento de texto faz uma ligação semiótica à hipótese dos “Éons de Tempo” (DRURY, 2002: 114) que são produzidos pelo ciclo de precessão astrológica¹⁷, uma vez que Plínio Salgado faz menção à transformação – “o choque produzido” – existente em um ciclo – “siderando” – pela passagem para um novo estágio – “depois dos suplícios de inverno, no esplendor da primavera”. Isso é entendido através do simbolismo astrológico das religiões: Mitra é representado pela imagem de um homem “degolando um touro” (CUMONT, 2004: 25), ou seja, o fim da “era de Touro” e consequentemente o início da “era de Áries”; Cristo, por sua vez, teve o “peixe”

¹⁷“Precessão dos Equinócios: na astrologia, situação referente à revolução lenta dos pólos da Terra em torno da eclíptica, ocorrida uma vez a cada 26 mil anos” (DRURY, 2002: 293). Assim, cada Éon (simbolizado pelo seu signo correspondente: Áries, Peixe, Aquário, etc.) possui aproximadamente 2.100 anos.

por símbolo nos primeiros séculos de sua existência. Este “peixe” é análogo à “era de Peixes” (DRURY, 2002: 116) do ciclo de precessão astrológico, que é posterior à “era de Áries”.

Levada em consideração a hipótese dos “Éons de Tempo”, surgem novamente indícios que Plínio Salgado conhecia essa hipótese, além do simbolismo religioso mitraico e cristão, pode-se observar que ele usou do exoterismo cristão em seu discurso, visando a articulação ou comoção das massas.

CONSIDERAÇÕES

Há autores como Daniel Pécaut que afirmam que “a referência ao catolicismo foi crucial na produção da linguagem integralista” (PÉCAUT, 1990: 78) e que o sucesso da AIB (Ação Integralista Brasileira) se deva ao fato de ser o “único partido” – ou movimento – político declaradamente cristão-católico. Contudo, a análise à AIB não foi o objeto de estudo neste artigo, pois a análise esteve diretamente ligada à obra de Plínio Salgado, seu discurso e subjetividade. Que, além de outros adjetivos, expressam uma concepção política severa e forte (extremamente ligada ao “Cristo-poder”) historicamente “necessária” à perenidade do movimento integralista brasileiro e, conforme visto anteriormente (por mimetismo), do próprio catolicismo romano.

Contudo, a análise do discurso de Plínio Salgado inserido no romance é complexa, em função de vários fatores, como: o contexto histórico vivido por Plínio Salgado, sobretudo pela busca de uma “identidade nacional” brasileira; o mimetismo existente entre a história do cristianismo e a “narrativa/recriação histórica” da vida dos apóstolos; a religiosidade, o simbolismo e o sincretismo religioso; o inconsciente coletivo e os arquétipos estabelecidos; as intenções políticas e ideológicas; enfim, a análise do romance “São Judas Tadeu e Simão Cananita” nos leva a considerar que as “aparências” da história criada por Plínio Salgado conduzem a uma irrealidade histórica, à uma ficção histórica, e muitas vezes omitem o verdadeiro propósito do autor no tocante às suas intenções políticas e ideológicas.

É relevante destacar a importância deste tema (a análise do discurso inserido nos romances de Plínio Salgado), pois fornecem informações importantes quanto ao pensamento e as idéias de Salgado. Os estudos nesta área não se esgotam com esta pesquisa, pelo contrário, eles

evidenciam ainda mais a imagem do intelectual Plínio Salgado. Porém, seus romances, segundo as novas perspectivas da “História Cultural” (PE-SAVENTO, 2005: 82), podem dar aquele “algo a mais” que as outras fontes não fornecerão, ampliando ainda mais o conhecimento da história contemporânea brasileira.

Contudo, há uma gama de abordagens e perspectivas historiográficas a serem consideradas e/ou confrontadas que poderão servir de base teórica para a análise desses romances de Plínio Salgado. Entretanto, não foi possível considerar todas as abordagens que surgiram ao longo desta pesquisa neste único artigo, tampouco se poderiam alcançá-las, visto a quantidade de teóricos relacionados. Pode-se considerar também que Plínio Salgado escreveu muitas obras literárias e há um vasto campo a ser explorado neste sentido, pois, esse autor abordou vários temas de cunho religioso, político, filosófico ou social. Aliando a gama de abordagens historiográficas ao vasto campo a ser explorado nas obras literárias de Plínio Salgado, pode-se lhes garantir que esta pesquisa abordou somente uma parcela do pensamento de Plínio Salgado, portanto muito há de vir sobre o pensamento e as obras de Plínio Salgado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.
- BURKE, P. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CARVALHO, W. A. Título. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/19carvalho.html>>. Acesso em: 04 ago.2009.
- CUMONT, F. **Os mistérios de mitra**. São Paulo: Madras, 2004.
- DIEHL, A. A. (Org.). **Fascínios da história II: textos de história do Brasil contemporâneo**. Passo Fundo: UPF, 2004.
- DRURY, N. **Dicionário de magia e esoterismo**. São Paulo: Pensamento, 2002.
- DUARTE, R. Título. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT02/GT02-1161--Int>.

WEISSHEIMER, F. S; IRSCHLINGER, F. A J.

rtf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

GOFF, J. Le. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONÇALVES, L. P. Título. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-05-08.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2009.

IRSCHLINGER, F. A. **Perigo verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)**. Passo Fundo: UPF, 2001.

JOHNSON, P. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPEZ, L. R. **História da inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ORLANDI, E. P. (Org.). **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SALGADO, P. **Obras completas**. São Paulo: Américas, 1955. v. 8.

_____. **São Judas Tadeu e São Simão Cananita**. Rio de Janeiro: Voz do Oeste, 1954.

TRINDADE, H. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. São Paulo: Difel, 1974.